



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A fenomenologia de Merleau-Ponty e a educação: a indisciplina da filosofia e a impossibilidade de seu ensino

Merleau-Ponty's phenomenology and education: the indisciplined of philosophy and the impossibility of its teaching

La fenomenologio de Merleau-Ponty kaj edukado: a maldisciplineco de la filozofio kaj la neebleco de ĝia instruado

Geyson Magno Tôrres Monteiro²⁹

Resumo

O texto aborda a filosofia, o seu ensino e a educação. Neste sentido problematiza a possibilidade de disciplinar e ensinar filosofia enquanto mais um conteúdo disciplinar, compreendendo que é possível, apenas, ensinar a filosofar, tendo como fundamentação teórica para tal a fenomenologia, mais precisamente a fenomenologia existencialista de Maurice Merleau-Ponty em seus textos, *Elogio da Filosofia* e *Fenomenologia da Percepção*. Além disso, busca uma conexão com o estruturalismo de Gilles Deleuze, mais precisamente no seu pensamento sobre o que é a Filosofia e como se dá a sua atividade na vida das pessoas, no que é possível dialogar com essa fenomenologia existencialista. Sobretudo enquanto uma perspectiva de pensamento em ação onde o corpo é componente determinante de um pensamento e de uma atitude filosófica. O artigo aborda ainda o conceito fenomenológico de corporeidade e de “sujeito incorporado”, problematizando e questionando a possibilidade de um ensino de filosofia único, disciplinado e dogmatizado, baseado apenas em epistemologias, com pedagogia tecnicista, componentes curriculares fragmentados e historicizados. Por se voltar para si, ser algo em construção, em processo e um pensamento que se faz renovado sempre a filosofia é o *locus* do questionamento, da indisciplina, da desconfiança, da criação e da singularidade, sendo o interesse e não a verdade sua busca mais expressiva. Contudo, ao expressar esse pensamento de indisciplinaridade da filosofia não se faz a defesa da saída da mesma da BNCC e do currículo formal no ensino médio, pelo contrário, pretende

²⁹ Mestre em Filosofia pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Pós-graduado em ensino de Filosofia pela FAINTVISA - Vitória de Santo Antão, 2017. Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela FAFICA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, 2015. Ministra voluntariamente um curso de Filosofia para os alunos do sexto ao nono anos, na Escola Mestre Vitalino, no Alto do Moura - Caruaru/PE. Foi coordenador de Fotografia da Secretaria de Cultura do estado de Pernambuco de 2009 a 2011. Fotógrafo e fotojornalista profissional desde 1993, com atuação nas áreas de fotografia editorial (fotojornalismo) e fotografia publicitária. Foi um dos sócios fundadores da Agência Lumiar de Fotografia, onde atuou como fotógrafo e sócio-gerente de 1995 a 2005. Possui um acervo fotográfico do Nordeste brasileiro com mais de 15.000 imagens. E-mail: geyson.magno@hotmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que ela seja ampliada, se tornando obrigatória também para os estudantes nos anos finais do ensino fundamental da escola pública. Em sua formalidade como disciplina transmitida, se indica a opção por uma práxis educativa baseada sobretudo em uma ontologia, numa relação que se estabelece entre sentido e significado dos temas e questões abordadas e vivenciadas no ambiente escolar, onde a facticidade torna impossível para o ser humano estar no mundo sem tomar uma posição frente às coisas e às pessoas e que o impera a recriá-lo, entendendo a vida enquanto conhecimento, abertura e comunhão.

Palavras-chave: Corporeidade. Criação. Escola. Filosofar. Ontologia.

Abstract

The text approaches the teaching of philosophy and the formal education context based on it. In this respect it aims to discuss the possibility of teaching philosophy as an elective course and part of the curriculum, understanding that it is quite possible, teaching students to philosophise only, based on the theory of phenomenology more precisely Maurice Merleau-Ponty's existential phenomenology in his two texts, *Elogio da Filosofia* (Éloge de la philosophie) and *Fenomenologia da percepção* (Phenomenologie de la perception). Besides that, this article attempts to bridge the Gilles Deleuze's structuralism, specifically his thoughts on what philosophy is and its influence in people's lives, and the existentialist phenomenology mainly as through the perspective of thought in action where the body is the determining component of a thought and philosophical attitude. This article approaches also the phenomenological concept of corporeality and "embedded subject", questioning the possibility of a unique approach to teaching philosophy, disciplined and dogmatized, based only in epistemologies, with a technical pedagogy, fragmented and historicized curriculum components. Because philosophy looks within itself, it is a work in progress, a thought which is always renewed it is also a locus of understanding, of the indiscipline, of the skepticism, of the creation and singularity, being the interest and not the truth but the most expressive search for it. However, by suggesting that philosophy is indiscipline we do not aim to dissociate this subject from BNCC and from High school curriculum, much to the contrary, we intend to broaden its application, becoming a mandatory school subject also for students at the two remaining years of High School at public schools. As an formal discipline, we recommend it as an alternative for an educational praxis based above all in an ontology, in a relationship established between sense and meaning of the themes and questions from a school environment, where facticity makes practically impossible for human to be in the world and take decision on things and people and forces them to recreate themselves, comprehending life as knowledge, openness and communion.

Keywords: Corporeality. Creation. School. Philosophise. Ontology.

Resumo

La teksto tuŝas Filozofion, ĝia instruado kaj edukado. Tiusence ĝi problemigas la eblecon disciplinigi kaj instruigi Filozofion kiel plian lernobjekton, bazinta sin sur la fenomenologio, pli precize la ekzistencialisma fenomenologio de Maurice Merleau-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ponty, el liaj tekstoj, *Laŭdado al la Filozofio* kaj *Fenomenologio de la Perceptado*, oni komprenante ke eblas nur instrui filozofiadi. Cetere, ĝi serĉas konekton inter la strukturalismo de Gilles Deleuze – pli precize rilate al lia pensoj pri kio estas Filozofio kaj kiel ĝi estiĝas en la vivo de homoj – laŭ tio kio eblas dialogi kun la ekzistenciisma filozofio. Antaŭ ĉio dum perspektivo de enagada penso, kie la korpo estas determiniga frakcio de filozofiaj pens- kaj agmaniero. La artikolo ankoraŭ tuŝas la fenomenologian konceptoj de korpeco kaj de “enkorpigita subjekto”, problemigante kaj demandante la eblecon de ununura, disciplinita kaj dogmatigita, instruado de Filozofio, bazita nur sur epistemologioj, laŭ teknikisma pedagogio, fragmentitaj kaj historigitaj faklernejoj. Ĉar ĝi turnas sur si mem, kaj estas io sin konstruanta, en procezo kaj pensmaniero kiu ĉiam renoviĝas, la Filozofio estas la loko de memdemandado, de nedisciplino, de malfido, de kreado kaj singulareco, kaj ĝia plej grava serĉado estas la intereso, ne nepre la vereco. Tamen, esprimi tiun penson pri maldisciplineco de la Filozofio ne fariĝas defendo de ĝia ekskludo de la BNCC kaj de la formala fakaro de la Mezlernejo, kontraŭe, oni intencas ke ĝi estu pliampleksigita, fariĝante deviga ankaŭ por la lernantoj de la finaj jaroj de la Fundamenta Instruado de la publika eduksistemo. Per ĝia formaleco kiel transmissiita lernfako, oni indikas la elekton de edukiga praktiko bazita precipe sur ontologio, en rilato kiu stabliĝas inter senco kaj signifo de la temoj kaj demandoj tuŝitaj kaj travivitaj en la eduka sistemo, kie la fakteco nebligas al la homo esti en la mondo sen sintenigi rilate al aferoj kaj homoj, kaj kie estas al li imperigita rekrei sin, komprenante vivon kiel kono, malfermiĝo kaj kuniĝo.

Ŝlosilvortoj: Korpeco. Kreado. Lernejo. Filozofadi. Ontologio.

INTRODUÇÃO

Problematizar a educação e o ensino em todas as suas esferas, seja ele público ou privado é uma atitude que há muito vem acontecendo nas universidades brasileiras, principalmente nos centros e departamentos de educação e ciências humanas, não à toa que a maior parte do material publicado e disponibilizado enquanto produção acadêmica no Brasil vem dessas áreas do saber. Nesse processo de pensar, a Filosofia continua sendo uma fonte vigorosa de material teórico e prático sobre os temas listados anteriormente, mas, sobretudo ela própria e o seu ensino.

A Filosofia e sua atividade são antes de tudo um debruçar-se sobre o ser humano, a sua vida, suas relações com o conhecimento e com o mundo. Dessa forma a educação e a Filosofia se confundem, uma vez que na antiguidade a educação dos sofistas e sua potência educativa totalizante é superada pelo ato de ir em busca do saber, pelo amor a esse saber que não se tem, a Filosofia. Nesta tem-se a figura de Sócrates como o professor que pergunta para saber e que não se acomoda com as primeiras



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

opiniões, aprofundando o questionar para verdadeiramente ter o conhecimento sobre algo. A dúvida diferencia o saber que se julga conhecer e por isso dogmático, do saber livre para pensar que se busca indefinidamente, duvidando sempre. No entanto, para desenvolver esse saber é necessário um tempo que não se mede, tempo do ócio, diferente do tempo cronológico que conhecemos e utilizamos corriqueiramente em nossa vida.

A origem da escola é grega, chama-se ‘scholé’ e se fundamenta nesse tempo que os gregos chamavam ‘aion’ em contraposição aos tempos ‘chronos’ das atividades produtivas e ‘kayrós’ do momento certo e oportuno para o acontecimento de algo. A ‘scholé’ grega não era uma instituição definida por uma função própria, como conhecemos a escola hoje, mas, pela sua forma simbólica que introduziu uma separação do tempo, do espaço e das ocupações. Sendo por essas distinções o espaço da igualdade, o lugar onde os iguais habitam, suspendendo as hierarquias da aristocracia grega e onde se aprende pelo prazer de aprender independente do mundo do trabalho e da produção.

É com essas características de igualdade e tempo livre para perguntar e aprender que a escola atual deve estar comprometida, negando a escola que forma para o trabalho e para a produção, ou seja, que é uma negação ao ócio. Com esta perspectiva não se pretende alijar da escola a formação profissional dos estudantes, contudo, esse papel é secundário e surge naturalmente na escola e na educação filosófica.

A FILOSOFIA

Pensar é para todos. Em sua palestra, *O que é o ato de criação?*, Gilles Deleuze dá clara forma a um belo modo de pensamento sobre a filosofia, o pensar sobre ela própria e o pensar nas demais áreas de conhecimento.

Quando se vive em uma época pobre, a filosofia se refugia a uma reflexão ‘sobre’[...] Se ela nada cria, que mais pode fazer, senão a pensar sobre? [...] De fato, o que interessa é tirar do filósofo o direito a pensar sobre. O filósofo é criador e não reflexivo. (DELEUZE, 1992, p. 152).

Segundo o filósofo, ninguém precisa da filosofia para refletir. Quem melhor pode refletir o cinema, são os cineastas, quem melhor pode refletir sobre a matemática



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

são os matemáticos... em cada atividade quem a habita é quem melhor deve refletir sobre ela e seus problemas.

A filosofia deve ser uma prática da razão em ação. A razão é necessária para que o pensador esteja alerta quanto às tradições, contradições, acertos e deslizos do que está posto pelo pensamento filosófico, sendo a razão o elemento fundamental para geração de novos supostos. Contudo, há sempre que se estar atento aos supostos filosóficos, sejam eles novos ou antigos, pois nem todos estão a serviço da construção de uma vida e uma humanidade fraternas. Nesse ponto o importante é perceber que o que inspira e alimenta a filosofia e o fazer filosófico é o interesse e não uma verdade. Esse interesse se dá no conviver, no contato, enquanto trato, relacionamento entre as coisas, sendo dessa forma uma possibilidade. Por isso o fundamental da filosofia nunca está posto, ele é aquilo que ainda não existe, aquilo que só a filosofia cria; o conceito, que se gesta na razão do filósofo e que gera o novo, sempre pela via da desconfiança. A filosofia é uma atividade criadora e como tal afasta-se cada vez mais de ser pensada como reflexão, comunicação ou contemplação, apenas. Além de criadora ela deve ter os pés no tempo, sendo dessa forma um debruçar-se sobre o mundo da vida e conseqüentemente do seu tempo. Atendendo a essas características ela é uma ontologia do presente, da vida cotidiana e de seus problemas. O problema do pensar sobre si mesmo e sobre o próprio pensar, fazendo uso da razão com o propósito de autonomia e liberdade, ou singularidade. Fazer uso da razão, nesse caso, tem o sentido de ser uma atuação, uma atitude frente ao mundo e às injustiças. Sendo assim a filosofia deve estar aonde quer que esteja acontecendo um fato, porém, é sabido que apreender-se dos fatos não é o fácil do acontecimento.

Merleau-Ponty também compreende a filosofia como uma criação que se constrói. Uma construção que necessita de bases, que seriam as ideias dos filósofos do passado, mas, que exige sobretudo do filósofo do presente, ao elaborar questionamentos e ideias, além de sua singularidade, compartilhá-las. Realizando o filosofar em sua potência. “[...] a filosofia não deve considerar-se a si mesma como adquirida naquilo que ela pôde dizer de verdadeiro” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 11); visto que a mesma é uma experiência renovada de seu próprio começo. A filosofia “consiste em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

descrever este começo.” (*Ibid.*), sendo a própria filosofia, de certo modo, “filosofias”, pois, de uma origem partem, mas, revisitadas, reabitadas pelo espírito e pelos filósofos, o ser humano e a facticidade, ela segue renovadamente sendo. Criando e recriando o pensamento.

Toda criação é singular e o conceito que é sempre criação também é singular, ou seja, todas as criações, nas mais diversas áreas do conhecimento se igualam por serem “criação”. Por isso a filosofia jamais está em condição de superioridade sobre qualquer outra forma de criação, seja científica, artística ou política. A filosofia não é melhor, nem pior que qualquer área do conhecimento, porém, ela sobressai sobre as demais, por propor uma reflexão sobre o próprio pensamento, o que é anterior a qualquer forma de esclarecimento e também por ser, de certo modo, a origem dos temas que as pessoas não aprenderam a investigar de forma científica.

O pensamento não é algo sem espaço, ou, solto nele. Pensar requer uma geografia, um espaço físico que requer um corpo para sua efetivação. Requer também um tempo, um dado momento para acontecer, sem por isso, deixar de estar em sintonia com a problemática do pensamento desde sempre, ou seja, tendo um olho sempre no passado e em sua constante criação. Esse estar no mundo e ser do mundo coloca o sujeito em comunhão com o mundo, contudo, essa comunhão não se dá apenas numa relação bilateral entre ele e o mundo, senão, o Cogito seria a certeza do mundo, sendo a experiência do próprio mundo, no entanto, ele é um dado sem sentido para as compreensões do sujeito. Para Descartes a base para qualquer conhecimento da verdade se situa apenas na razão do sujeito, no conhecimento que está dentro dele. O Cogito cartesiano produziu um conceito de razão altamente instrumentalizada, propondo o pensamento de um tempo, de uma verdade do ser humano e da humanidade e dos rumos que ela tomou em relação ao mundo e a si. Contudo, sem o corpo, o pensar e o pensamento, não acontecem. O pensar precisa de uma corporeidade para existir e o pensamento é resultado de algo problematizado, vivido, experimentado, por esse ser físico; quando não, o ser humano tem o poder de materializá-lo. As pessoas, as coisas, os acontecimentos dessa experiência humana, nos perpassam sobremaneira como atividades materiais, sendo difícil acreditar que se possa pensar, sem estar em um lugar



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

específico, sem ter uma perspectiva no mundo. Por isso a única certeza cartesiana possível; o pensar, se realiza, ou melhor, se materializa através do corpo e sua experiência sensível. Dessa forma pode-se pensar que o “Penso, logo sou” de Descartes é uma contradição.

A experiência é fundamental para o conhecimento, para que o sujeito se compreenda como uma possibilidade e não apenas como um acontecimento de fato e compreenda também a experiência do mundo como uma possibilidade. É na atividade sintética do sujeito, na sua “reflexão noemática” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 5) que se explicita a unidade primordial do mundo frente ao ser humano, “O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele” (*Ibid*, p. 5). No entanto eu não sou um objeto desse mundo, eu não sou um resultado de causalidades, tudo que sei do mundo sei a partir de minha experiência com ele, em respeito à alteridade de cada ser, ou, objeto com o qual me relaciono, sendo imprescindível refletir sobre qual a função do filosofar, se, apenas uma prática que possibilita a reflexão ou uma atitude de criação, invenção e intervenção, que faz nascer algo que não existia, não descobrindo, mas, inventando algo sempre novo.

Filosofar é ocupar-se em pensar com clareza sobre seus conteúdos, buscando um desvelamento do pensado, proporcionando assim um esclarecimento, uma criação. Essa tarefa esclarecedora, criativa é inerente ao filosofar e não é privativa nem da lógica, nem da epistemologia e ainda menos da análise da linguagem, ela está presente em todas as cátedras e atividades humanas. Kant; na crítica da Razão Pura, sinaliza no sentido dessa contribuição conceitual do filosofar, quando para ele,

Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (KANT, 1983, p. 407-408).

Filosofar é um esforço de construção de perspectivas e caminhos próprios, deixando os passos de quem empreende uma caminhada pela história. “O filósofo, dizem ainda os inéditos, é alguém que perpetuamente começa.” (PONTY, 1999, p. 11).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A filosofia de Merleau-Ponty, influenciada e ampliada, a partir, notadamente de Bergson e Husserl, “compreende sua própria estranheza, pois, nunca está inteiramente no mundo e, no entanto, nunca está fora dele.” (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 39), faz uma aguda crítica aos fundamentos da maioria dos pensamentos da atualidade, pois, acredita que:

Neste mundo em que a negação e as paixões mal-humoradas ocupam o lugar de certezas, não se procura fundamentalmente ver, e a filosofia, porque pretende ver é tida como impiedade. (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 55-56).

O verdadeiro filosofar é mais criação da forma de pôr os problemas que a solução, sendo por isso, um sentido vivificado; “Não há uma pergunta que resida em nós e uma resposta que esteja nas coisas, um ser exterior a descobrir e uma consciência observadora” (*Ibid*, p. 22), só admitindo e vivificando a situação humana é que se consegue o acesso ao caminho filosófico, sendo que o saber absoluto do filósofo é a percepção. A Percepção funde tudo que está perante nós e também nos atinge interiormente nessa relação de mito natural, numa história que contamos a nós mesmos. Nessa filosofia, não há a realidade plena, não há a coisa em si e o que se pensava coincidência é coexistência. A filosofia é sempre uma busca do simbólico que é nossa essência e ressignifica-se em discurso pessoal que somos nós próprios. É ao falar, com seu tom e estilo que se afirma a autonomia da pessoa. Qualquer filosofia segundo Ponty defende uma “arquitetura de sinais”, que se faz presente, sendo, dependente do transcurso histórico, nesse sentido, é o relacionar-se inter-humano que é o motor da contingência da história, desenvolvendo-se no próprio processo histórico.

Assim como a língua é um sistema de sinais, que só uns em relação aos outros têm sentido, cada instituição é um sistema simbólico que o sujeito incorpora a si próprio como estilo de funcionamento (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 71).

O conceito de sujeito incorporado é importante no pensamento de Merleau-Ponty e fundamental na ligação com o pensamento do jovem Marx e do marxismo enquanto “materialismo histórico”, antes da guinada marxista para uma concepção objetivista do ser humano e da sociedade. Dessa maneira é com o Marx humanista e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

materialista e não o materialista objetivista que Merleau-Ponty e sua fenomenologia buscam dialogar, uma vez que não concebe os seres humanos, nem suas sociedades reduzindo-os a um sistema biológico, nem a um conjunto de objetos que mudam a partir do resultado de leis gerais apropriadas. Ele trata a mente humana como ligada e não presa às condições materiais de existência, permitindo assim que o sujeito possa transcender essas necessidades biológicas em bases reais, posto que é centrado no indivíduo, nas suas ações no mundo, nas suas articulações com o meio em que vivem e na vida que levam em sua materialidade, sendo, por isso, verificáveis de forma empírica. Merleau-Ponty amplia Marx e seu pensamento quando diminui a importância da visão idealista do indivíduo, uma vez que acredita que as ideias são importantes no processo de movimento da sociedade, contudo, não a considera como ‘a força’ preponderante desse processo de avanço.

Para o filósofo francês o ser humano tem sua subjetividade condicionada ao fato de ser incorporado, e tem a natureza dessa corporeidade, condicionada ao fato de ser sujeito. É essa corporeidade que nos liga, impreterivelmente, ao mundo material e nos faz seres vivos que percebemos o mundo de algum lugar e em um dado momento, conseqüentemente, com entendimento racional limitado por esse tamanho envolvimento com o mundo. Importante salientar que a percepção do mundo não é sua contemplação, mas interação, pois, é o lugar onde vivemos e o ser humano, por ser um vivente dotado da linguagem e por isso, um ser social, tem a obrigação de encontrar formas de organização social que possibilitem a resolução, ou, pelo menos, o alívio aos problemas que impedem a satisfação das exigências biológicas fundamentais dos seres humanos. Visto que há sempre diversas maneiras de conceber e solucionar um problema, mesmo percebendo que dentre essas maneiras, apenas uma é genuinamente progressista, ou seja, que efetivamente possa abrir novas possibilidades para a vida.

Com Lavelle e as ideias de participação e de presença do ser em nós e de nós no ser, respectivamente, ele coloca na mão do ser humano a responsabilidade pela sua força ontológica, o que na contemporaneidade é uma posição crítica perante esse processo de alienação ontológica das mulheres e dos homens na sociedade contemporânea. Alienação determinada primordialmente pela relação frente ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consumo e à superficialidade desse modo de vida. Combatendo veementemente essa ideologia, ele nos chama, a partir do conceito de sujeito incorporado, “[...] não há qualquer relação transitiva entre mim e o meu corpo, entre mim e o mundo, sendo unicamente para dentro que o eu pode ser transcendido.” (MERLEAU-PONTY, 1998 p. 12). Nesse sentido o filosofar é indissociável da situação humana e exige um voltar-se a si para assumi-la. É na percepção atual e presente que está a gênese da nossa relação ôntica com as coisas, sendo, “[...] a nossa própria história que contamos a nós mesmos.” (*Ibid*, p. 24).

A INDISCIPLINA DA FILOSOFIA E SUA ‘DISCIPLINARIDADE’ NO ENSINO FORMAL

Um ensino de qualidade deve permitir que esses talentos desabrochem, devolvendo assim cada cidadão à sociedade o resultado do seu talento — na forma de bons historiadores da cultura clássica, por exemplo, mas também na forma de bons engenheiros, médicos, políticos. Além disso, devemos respeitar as pessoas que não têm qualquer inclinação para os supostos papéis existenciais da cultura ou da filosofia — até porque, na verdade, algumas dessas pessoas são filósofos — que, em qualquer caso, constituem apenas formas disfarçadas de opressão social e manipulação psicológica. (MURCHO, 2010, p. 5)

O processo educacional de filosofia em todas as suas esferas deve ter o seu ensino pautado por uma elaboração de problemas, um desenvolvimento de argumentações, um trabalhar com conceitos, pensar conceitualmente e até criar conceitos originais, embasado em toda uma tradição filosófica. Um ensino não dogmático deve ter como base uma abertura do pensamento, atitude que, inevitavelmente, proporciona experiências novas tanto para o aluno quanto para o professor. Ao estar em diálogo aberto com as experiências da vida faz-se uma existência autêntica.

Apenas através de um ensino de filosofia erotemático dialógico pode-se ter contato com a experiência do conceito. O ensino baseado nesse método pede por reflexão e permite que, de certo modo, todos sejam alunos, pois, é um ensino que interroga, exigindo que cada um faça autonomamente o movimento da experiência filosófica, do pensar e elaborar o conceito. O ensino de filosofia que promove a atitude



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosófica pauta-se em não acreditar que o suposto é verdadeiro, por isso, faz-se necessário pô-lo sempre à prova, sendo através dessa característica tensional entre o conhecimento e sua validação que dão a certeza ou não de sua verdade. O professor e o aluno devem estar fora do território das certezas. Assim o estudante deve ser jogado na inquietude das descrenças por perceber quão variadas são as respostas a questões fundamentais da vida. O que é o bem e o mal, o belo, a vida, o mundo... uma educação bancária, configurada por um modelo acroamático de ensino, apenas pelo acúmulo de conteúdos não se apropria da existência e do conhecimento que acontece a partir do interesse, da desconfiança.

O ensino dialógico é libertador, pois privilegia o partear de ideias, ação essencialmente libertadora, ética, que exige do professor de filosofia, uma busca constante, uma práxis da pergunta, da dúvida, sendo a filosofia a culminação da racionalidade, lócus onde a filosofia se faz e se realiza. Nessa ensinagem, por meio de uma unidade primitiva, um problema, desdobra-se outro e outros problemas, deslocando-se para que se explique e gere assim novos problemas. Portanto faz-se necessário que na licenciatura em filosofia os professores e alunos estejam atentos aos acontecimentos históricos, aos temas, aos métodos e sobretudo à linguagem que a filosofia e seus filósofos usaram para expressar-se. Não basta apenas compreender a filosofia e o pensar filosoficamente, pois, sem essa abrangência, o estudo de filosofia estará desconectado com uma parte do arcabouço necessário para que ele aconteça plenamente. De certo modo, boa parte dos conteúdos que se estuda na licenciatura em filosofia ao longo dos anos, só entra em vigor na sala de aula quando o professor consegue viabilizar uma comunicação com os alunos, fazendo com que esses conteúdos tenham sentido e se tornem representativos para a vida.

A existência de muitas filosofias nos permite dizer que é impossível discipliná-la, bem como, de que é impossível ensiná-la, por um conteúdo com base em um valor de verdade absoluto, conforme trabalham as escolas em geral. Nesse sentido a filosofia está aquém e além do ambiente escolar e de um ensino pragmático, conteudístico e com um fim determinado. O professor de filosofia precisa compreender que sua “disciplina” não está presa à sala de aula, o pacto do professor de filosofia, com seus alunos e com a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosofia é que ela nunca será pautada pelos cinquenta minutos da aula institucional, ela nunca começa no início da aula, nem se encerra no seu final, pois, ela, igualmente a vida, sempre segue, sempre nos espanta e nos faz aprender e ensinar. Para Cerletti;

Converter a questão “ensinar Filosofia” em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da Filosofia, que privilegia o “como” ensinar, para então colocar então em primeiro lugar a análise do “que” ensinar. (CERLETTI, 2009, p. 63).

O que se falar sobre a filosofia deve passar fundamentalmente por um ouvir, um ver, um perceber o mundo. A partir dessa atitude, pode se despertar uma curiosidade sobre tudo que nos afeta, sendo isso fundamental para a filosofia e o fazer filosófico, Através da curiosidade e da dúvida se faz a pergunta e o perguntar filosófico, sendo esse perguntar filosófico fundamentalmente uma pergunta que envolve intencionalmente quem a faz, ou seja, ela possui uma intencionalidade a ser considerada. Dessa forma, para a pergunta filosófica urge uma resposta com uma significação única e especial, sendo sempre um “para si” o teor da pergunta. Essa condição da pergunta, funda-se numa aspiração pelo saber, contudo, esse saber almejado é uma forma de saber sem supostos, construindo uma relação com o conhecimento não a partir de uma verdade hegemônica, ou, de fechamentos epistêmicos, mas, abertos à experiência. Por isso o professor de filosofia não está pronto para dar aula, “ensinar filosofia”, ou filosofar; como queiram, porque finalizou a graduação, pois, que sua experiência enquanto professor, começa na própria formação, na sua conduta enquanto aluno dentro e fora da sala de aula e expande-se para além dela, fazendo-se também pelo seu repertório de vida, suas experiências. Daí mais uma vez, o quanto indisciplinado é a filosofia e o seu fazer, seja por quem “ensina”, seja por quem “aprende”, ou, seja por quem a vem construindo há milênios.

Pretende-se ampliar o entendimento da aula de filosofia, onde ela passa de uma ilustração de um conteúdo, para a criação de uma aprendizagem, de uma maneira de compartilhar o saber que se tem. Dessa forma a filosofia, além de ser criação, adquire o caráter de ser um processo de investigação, constituindo-se não apenas, num método epistemológico, mas, sobretudo, ontológico. Papel oposto ao ensino de filosofia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

enquanto fragmento de um currículo, enquanto disciplina dele. Assim a filosofia compreende-se dentro da escola e também fora da sua norma curricular, pois está compreendida na própria existência dos seus atores e em suas histórias, na própria existência da escola ali, naquele lócus da cidade e também no seu funcionamento, na sua participação enquanto ente social. Essa postura filosófica ontológica, torna-se crítica frente às questões, ou, problemas, que a priori nos impelem a “ensinar filosofia”, permite que a ação educativa dos professores e professoras seja determinada pelo protagonismo, pois, ele não é refém de um receituário pedagógico. Contudo, o professor deve ter em mente que trazer para si o protagonismo da ação docente, não é um ato solitário, pois, exige o outro e sua alteridade, exige uma posição de ouvinte e falante, além de um esforço pessoal, pois, boa parte dos ambientes escolares, ainda não está em sintonia com essa prática. Dessa forma, cada um é livre para implementar sua didática, inventada e reinventada a cada novo grupo de alunos, que se apresenta, com a certeza do acontecimento de um aluno novo e conseqüentemente de um ser humano novo.

Pensar a educação e o ensino filosofia a partir de um ponto de vista da experiência e do sentido é uma proposta que inova na relação sujeito/educação/sociedade. Sendo uma perspectiva pedagógica que está ancorada numa possibilidade existencial, no sentido de ser uma atitude individual, que se expande para o coletivo. Diferentemente dos campos pedagógicos que se alinham em limitar a educação, seja como uma ciência aplicada, ou, como uma práxis política. Nesse sentido a filosofia que deve ser teorizada e praticada são as filosofias que tenham uma compreensão de si como uma existência ontológica, que respondam aos pressupostos para o ensino de filosofia definidos pela UNESCO, na Declaração de Paris para a filosofia de 1995. Neste documento a filosofia deve ser associada ao currículo e não apenas justaposta, como aconteceu no ensino médio brasileiro,

Permanecendo totalmente autônomo, o ensino de filosofia deve ser, em toda parte onde isto é possível, efetivamente associado — e não simplesmente justaposto — às formações universitárias ou profissionais, em todos os domínios (UNESCO, 1995, p. 13-14).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por isso a filosofia extrapola as correntes de um currículo, ou seja, ela está antes do currículo, antes de ser disciplina, ela está, deve estar presente em todo ambiente, em cada momento da vida do ser humano, inclusive no ambiente da escola. Na matemática, na biologia, na língua portuguesa, na merenda escolar, na aula de dança, no trato com o diretor, por cada profissional que labuta nas atividades do ambiente escolar e entre todos que convivem em cada espaço específico da escola e do seu entorno, pois, tudo deve estar na pauta do pensar filosoficamente.

O CONCEITO DE CORPOREIDADE E A IMPOSSIBILIDADE DE NÃO SE TOMAR PARTIDO NO MUNDO

Ao “pensar” e escrever a palavra “pensar”, deve-se tê-la em mente não somente como oriunda do poder da razão; da faculdade de fazer contas e cálculos e da habilidade de argumentar, mas, fundamentalmente por dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Por isso a importância do “sentido” e do “sem sentido” para o ser humano e conseqüentemente para a humanidade. O estar presente do indivíduo em cada momento da sua vida, o impera a definir, ponderar, escolher, agir. Ao definir de tal maneira, algo, ou, alguma coisa, está uma tomada de partido, ao ponderar sobre os benefícios ou malefícios de uma tomada de decisão impera uma escolha, uma tomada de partido, da mesma maneira quando escolho e a partir dessa escolha, atuo efetivamente no mundo, estou tomando um partido. Dessa forma não há como estar no mundo, no espaço, sem pôr-se a colocar-se de uma ou de outra maneira, pois; “O espaço e em geral a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 342).

Em uma perspectiva, professor e aluno são conduzidos para fora de si, o ato de educar possibilita nos vermos pelo olhar do outro, para ter a possibilidade de entender o outro, compreender nosso mundo e conseqüentemente o mundo que não nos pertence. No entanto, é importante estar atento para que esse discurso e as práticas reforcem a igualdade que somos e não as diferenças que temos. Afinal, à parte qualquer tomada de posição, de qualquer opinião, ou, gosto, ou, atitude subjetiva; somos humanos e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

devemos estar abertos a dialogar com quaisquer valores no ambiente da escola, ou, fora dele.

Se somos humanos e, por conseguinte iguais em humanidade, não devemos nos colocar como melhores, ou, piores frente a quem quer que seja. A partir desse pressuposto da igualdade, não é possível ter uma prática docente de dominação ou de doutrinação. Não existe um “mestre” que não esteja comprometido em construir um ambiente de igualdade, de respeito à diferença, de liberdade. Por isso o professor deve, como diz a carta magna em seus princípios norteadores para a educação em seu artigo 206, ter a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” e não apenas a “liberdade de aprender, como projeção específica, no campo da educação, da liberdade de consciência”, ou seja, o direito de expressão garantido a todos os cidadãos brasileiros pela Constituição Federal (Art. 5º, IX). Pensar a escola sem escolha é pensar a escola sem voz e sem sentido. Apenas em um ambiente de diálogo em que se discutam os conteúdos curriculares em associação com a realidade e os valores dos alunos e professores é que se consegue fazer com que estes conteúdos façam sentido e se tornem uma experiência, onde aprendizado e conhecimento se estabeleçam e revoltem-se, visto que não há conhecimento estanque. Isso nos leva a refletir sobre a importância da informação que é transmitida enquanto obra de um conhecimento adquirido através da experiência da vida e da postura ética do “mestre” para com o aluno. O saber científico do professor jamais deve estar em descompasso com sua retidão ética. Ele ao discordar de qualquer modelo de ensino e escola deve mostrar aos alunos os motivos dessa oposição, sem jamais mentir nas suas críticas. Nesse sentido o professor é educador e não instrutor como postula a educação tecnicista e conteudista em sua concepção de ensino no ambiente escolar.

Tendo a consideração que as palavras podem ser duráveis e assim serem transmitidas de geração em geração, tem-se uma noção do poder e importância da palavra para o ser humano. Não como um bem que lhe fora dado, ou, uma faculdade que lhe fora consagrada a despeito dos outros animais,

[...] o homem é palavra, o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavras, está tecido de palavras, que o modo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (BONDIA, 2002, p. 21).

Por isso o ser humano deve ser um zelador da palavra, visto que elas, não apenas expressam o que queremos dizer sobre algo, com sentido, mas, sobretudo; “de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, “[...] de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.” (*Ibid*, p. 21).

O que se pretende conhecer do mundo, parte daquilo que ele nos oferece, que ele nos dá, no entanto, esses dados, que determinam a nossa experiência, não são uma coleção de objetos insólitos, mas, de um mundo unificado, onde; “[...] o que é dado tem que ser estruturado e interpretado antes de poder ser a base de qualquer coisa digna do nome ‘conhecimento’.” (MATTHEWS, 2011, p. 46) Sendo assim, o conhecimento parte da nossa relação ontológica com o mundo, da nossa decisão de como pensamos o mundo que se nos apresenta, de como interagimos com ele antes de pensá-lo. A percepção é a base do conhecimento, é uma maneira de retornar às coisas mesmas, ao nosso envolvimento pré-reflexivo do mundo e sua natureza exige, um sujeito que percebe, um sujeito situado, ao invés do sujeito apenas pensante, do intelectualismo. Esse sujeito da percepção está sempre situado em um tempo e espaço, percebendo a partir de um ponto no mundo. Dessa forma, o sujeito da percepção, não recebe passivamente os dados e interpreta-os, posto que está, através da linguagem, imbricado com o mundo.

Entretanto, nosso envolvimento com o mundo não é, naturalmente, apenas cognitivo, intelectual ou teórico. Em grande parte, nosso interesse no mundo é emocional, prático, estético, imaginativo, econômico, e assim por diante. (MATTHEWS, 2011, p. 50-51)

Por isso o mundo não é um objeto e sim o lugar onde vivemos e por isso também é exigido ao ser humano ter um posicionamento, tomar partido. Independente da vontade dos outros. Não se pode pensar uma educação sem acesso à experiência como deseja o movimento, seus fundadores e seguidores. A educação a partir da experiência é algo que afeta aluno e professor de alguma maneira, deixa marcas, vestígios por toda a existência. Daí também que a experiência não é uma coisa que se passa igualmente a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todos; mas, subjetivamente e singularmente a cada ser humano. “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em que encarna.” (BONDIA, 2012, p. 27). A escola não pode estar alheia ao mundo e às coisas do mundo, pelo contrário, ela deve ser uma problematização desse mundo, um espaço de saber da experiência, que está dentro do ser humano, configurando sua personalidade, seu caráter, sua sensibilidade, ou seja, as suas dimensões ética e estética e isso apenas é possível quando o aluno é estimulado a tomar partido, a realçar sua qualidade existencial. Quando vê no mestre e na sua atuação, no seu devir, uma verdade ontológica. O ambiente escolar deve ser um espaço da convivência, da lealdade e da confiança e na escola não há apenas as categorias professor e aluno, existem muitas outras categorias, contudo, na sala de aula, entre professor e aluno deve existir a busca de um pelo outro, onde o mestre, em seu devir é experiência, que possibilita uma convivência. Um professor sozinho em sala de aula, não é ninguém, não faz nada.

CONCLUSÃO

Trazer o pensamento de Maurice Merleau-Ponty como base fundamental para dialogar com questões tão emergentes, tanto na educação, como na própria vida do ser humano frente aos fenômenos do mundo é desafiador e gratificante. Desafiador pela atualidade da sua filosofia frente aos fenômenos desse mundo e à algumas posturas do ser humano à vida na atualidade e gratificante pela originalidade e potência de sua fenomenologia e de suas obras. Nesse sentido, a partir dessas reflexões tentou-se demonstrar uma possibilidade de perceber e desenvolver uma experiência de saber no ambiente escolar que se compreenda como experiência, como algo singular, como abertura, que questiona o aluno enquanto um ser único e por isso aberto ao mundo do outro, mundo que é partilhar afetos e conhecimentos, não apenas no ensino de filosofia, mas, em todas as áreas do conhecimento, bem como, nos três níveis do ensino formal, fundamental, médio ou superior; não importando se o mesmo é desenvolvido na esfera pública ou privada. Por isso é fundamental que o mestre seja comprometido com sua cátedra, tendo domínio dos seus conteúdos específicos e respeito à dignidade intelectual de seus alunos, valorizando a pergunta e a dúvida. Dominar os conteúdos curriculares



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deve ser o início de um processo de repetição criativa que visa transpor os temas, textos e ideias dos filósofos para o tempo presente no espaço da aula, no diálogo com os alunos e não como um monólogo de saberes mortos e encalacrados do passado. É essa relação dialógica e crítica que permite o renascimento dessa filosofia abordada em sala, na vida ativa dos estudantes e da escola como um todo. Assim essa filosofia se envolve com os problemas do tempo presente que vai gerar soluções criativas e inovadoras individualmente e coletivamente, para a sociedade mais próxima e para a humanidade de uma maneira mais abrangente.

REFERÊNCIAS

BONDIA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista brasileira de Filosofia. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Quadrimestral. ISSN 1413-2478.

CERLETTI, A. **O ensino de Filosofia como problema filosófico.** Tradução: Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DELEUZE, G. **Conversações.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura.** São Paulo: Cidade Editora, 1983.

MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty.** Tradução: Marcus Penchel. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª Edição, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Edição, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **Elogio da Filosofia.** Tradução: Antônio Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães editores, 5ª Edição, 1998.

MURCHO, D. **Entrevista, PROMETEUS. Ano 3, nº 5, p. 3,** janeiro-julho, 2010.

UNESCO. **Philosophie et Démocratie dans le Monde - Une enquête de l'UNESCO.** Librairie Générale Française, 1995. Disponível em: <http://www.ifil.org/unesc>. Acesso em: 16/10/2017.

Recebido em: 15/10/2020

Aprovado em: 16/11/2020

Publicado em: 28/12/2020